



# Cinema

Ano 1º  
N.º 26

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço  
1,00



Na Capa: — Victor MacLaglen e Greta Nissen, intérpretes de «Mulheres de todas as Nações»

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bomjardim, 436-3.º  
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS

Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00. Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultram: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas officinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

ALBERTO BARRADAS: — O Director anda sempre a perguntar-me quando chega correio de Angola, a vêr se veem os tais decantados selos... Você esqueceu-se, ou ainda não houve tempo?

Você pergunta-me como é que eu fiquei quando vi pela primeira vez as pernas da Marlene. O', meu caro, isso é lá pergunta que se faça! Fiquei *nacaut*, como vi escrito há dias numa legenda duma revista «Paramount»!... Quanto ao livro editado em Hollywood, sobre a vida íntima de Greta Garbo, não o conheço. Que Fritz Lang é um grande realizador europeu, estou de acôrdo. Considerá-lo o maior, é demasiado absoluto. O Pabst, o Clair, o Eisenstein e o Leitão de Barros eram capazes de ficar de mal comigo...

Já cá tenho mais 4 cartas suas, cada uma com 3 perguntas e respectivas adjacências... Como, até fins de Setembro ou princípios de Outubro só saem mais 3 números, só deve voltar a escrever-me em princípios de Outubro. A não ser que seja para mandar os tais selos por que o Director me pergunta dia sim, dia não. O que vale é que ele tem andado êstes dias muito satisfeito. O «Porto» venceu o «Bele-nenses» em futebol...

EDUARDO DIAS RÊGO: — Para os 3 artistas portugueses por que pergunta, dirija-se ao Grémio dos Artistas Teatrais, Lisboa.

**C** SONOROFILISSIMO: — Deu magnífico resultado, o meu *truc*! Bastou dar a perceber que eu confundia «três futuras estrêlas» com «Sonorofilissimo» e suas respectivas «primas», para que Você e as priminhas me escrevessem! Só assim! Depois não querem que lhes chame ingratos!...

**M** Eu estou como você! Não ha meio de perceber porque é que o «São João» não concedeu as senhas de desconto cá ao «Cinema». Segredos da direcção!  
**A** E tenho pena! Você compreende:

## Correspondência

quantos mais bonus, mais revistas se vendem. Quantas mais revistas vendidas; mais lucro. Quanto mais lucro, maior seria o ordenado cá do «Eu Sei Tudo»...

Com referência a concursos, não vejo probabilidades. Concursos sem prémios monetários, ficam sem concorrentes. E o dinheiro anda tão arredio...

Obrigado pelos seus desejos de «boas férias». E' o que você está vendo: férias a prestações... Daqui por 15 dias já tenho outro número. E depois outro em Setembro. De modo que nem que eu me queira afastar, para fazer marismo em Atlantic City, Palm Beach ou Santa Monica, não posso. Tenho que estar aqui perto da casa, e não posso ir para muito além da Praia do Molhe...

MARY STAR: — Não vale a pena passar noites em claro, por tão pouco: a direcção de Henry Garat, *por enquanto*, é: 64, Rue Nollet, Paris (XVII<sup>me</sup>). E durma socegadinha...

SIR FANTASM: — Sobre concursos, leia o que digo a «Sonorofilissimo». Novos filmes da Lilian, só na próxima época. Nada lhe posso dizer sobre o filme que indica, porque ainda não o vi.

JE T'AIME, ANITA PAGE: — Muitos parabens, pelos seus 16 valores. Eu, nos meus tempos de rapaz — ai! — também só tinha classificações de 16 para cima...

A Sylviazinha (e não Sylvia, *tout court*) tem o cabelo castanho escuro. A medida e o peso devem ser os mesmos... Quanto à actriz que tem os beijos mais doces, já quiz fazer eu próprio êsse inquérito, mas os médicos não mo consentiram. Sofro de diabetes...

Tomei nota de que o tal «Cine-Radio-Clube» deu a alma ao Criador. O Director é que tem razão!

DUAS QUE NÃO SABEM NADA: — Mesmo nada, nada, nada? Não acredito!...

1.<sup>a</sup> — Henry Garat é casado. Consoiciou-se ha pouco com uma bailarina.  
2.<sup>a</sup> — Como conseguir, *já que mais não pode ser*, um retrato dêle? Isso é fácil! Bem se vê que não sabem nada! Por 1\$50 já podem adquirir um postal de Henry Garat, da marca «Ross», à venda nas principais papelarias, ou em casa do agente daquela marca, que por acaso é o nosso director: Rua do Bomjardim, 436-3.º, Pôrto. Como vêem, é facilimo adquirir um retrato do Garat.  
3.<sup>a</sup> — Não quero crêr que êle esteja apaixonado pela Lilianzinha. C'os diabos, casadinho de fresco!... Não me parece que êle esteja com ideias de vir a Portugal. Isso era o fim do mundo. Se com o Jean Murat foi o que foi, com o Henry Garat, comiam-no inteirinho... Creio que êle é capaz de responder a uma carta que lhe escrevam. E' bom rapaz. Como vêem, não deixei atrazar a respostas, para evitar o vosso suicídio...

PRIMA DO SONOROFILISSIMO: — Vidè resposta a «Sonorofilissimo».

IRMÃ DA PRIMA DO SONOROFILISSIMO: — Idem, idem, idem.

17 JUNHOS EM FLOR: — Chamei-lhe «ingrata», de facto, por não me ter escrito imediatamente, de modo que passou o mês de Junho sem poder mandar-lhe a prenda. Mas se a demora foi por causa da doença da sua Mãizinha, já cá não está quem falou? E ela está melhor?

Quanto à prenda — o tal retrato da Maria Paudler que está na escrevannah do director — era capaz de lho mandar, com risco da minha integridade física... Mas visto que você me perdôa, dispenso-me da prenda. Mas, para o ano, se você continuar a ser correspondente assidua, prometo-lhe uma linda prenda (mas não o meu retrato...).

(Continua na página 6).





«A fortuna protege os audaciosos». E Edmund Lowe está vendo o efeito que faz a sua audacia na pessoa de Greta Nissen, numa cena de «Mulheres de todas as Nações», super-produção que o «Trindade» estreia na próxima terça-feira.

## O Cantinho dum Cinéfilo

**O**portunidade é uma palavra que todo o americano, o comerciante como o industrial, trás sempre na sua mente, companheira imaterial em todos os seus actos. Para onde quer que vá, onde quer que se encontre, sempre que uma ideia lhe surja prometedora, sempre que lhe acode vantajoso alvitre, sempre que é necessário tomar uma decisão da qual antevê possibilidades de lucro, o americano agarra-se à *oportunidade*. Não a perde nunca.

Se, quando o Dr. Lee De Forrest deu como praticamente terminados os seus trabalhos para produção de filmes sonoros, a «Warner Brothers» não tivesse, decididamente, e perante a hesitação de outras grandes companhias, aproveitado a *oportunidade* que se lhe apresentava, e não se abalanchasse à organização da sociedade «Vitaphone» para a produção regular dos primeiros fonofilmes, a «Warner» não se teria salvo da ruína que a espreitava, e talvez o cinema sonoro quedasse nessas experiências...

Se a «Western Electric», logo que, após tais experiências, viu as grandes possibilidades do fonocinema, não se decidisse à produção imediata dos aparelhos de projecção sonora, e se não tratasse de, sempre oportunamente, contratar com os principais estúdios americanos a instalação de aparelhos de tomadas de sons, da sua marca, não teria, de-certo, conquistado o lugar primacial que hoje ocupa em matéria de aparelhagem sonora.

Muitos valores existem em todos os ramos da actividade humana, que se perdem por não saberem aproveitar a *oportunidade*...

■ ■ ■

Acabo de assistir à exibição da reportagem filmica do desafio da final do Campeonato de Portugal em futebol, e, mais do que nunca, senti o atrazo em que vivemos no que respeita à produção cinegráfica.

Eu já sabia que o filme era silencioso. Pois se

ainda cá não temos qualquer instalação para tomada de sons!

Mas, influenciado talvez pelos outros filmes que completavam o programa, habituado, desde ha muito tempo, a nada *vêr* de *silencioso*, senão os costumados 100 metros de panoramas do País, eu esqueci-me de que tal reportagem era portuguesa, e sofri um choque brusco, tremendo, quando, em vez das palavras que o árbitro dirige aos capitães dos dois grupos, em lugar do entusiasmo da «torcida» incitando os seus favoritos, em substituição dos aplausos do público às jogadas de interesse e à marcação dos *goals*, se ouvia apenas os discos do *non-syn*, num acompanhamento musical que me fez retroceder alguns anos, que me fez olvidar que nos encontravamos quasi à beira de 1933...

■ ■ ■

E' triste, ao pensarmos nas reportagens cinegráficas da «Fox», da «Paramount», da «Ufa», da «Pathé», etc., ao pormos em comparação este documentário do Campeonato de Portugal com as imagens sonoras que o jornal «Fox» nos deu ha tempos da final da Taça de Inglaterra, reconhecer a nossa posição de grande inferioridade, posição que, sob este aspecto, ocupamos por nossa culpa.

A compra duma instalação de tomada de sons, se não se faz com meia dúzia de centavos, também não obriga às complicadas exigências da construção dum estúdio... É depois, o capital para a aquisição duma dessas instalações móveis, custa tanto a conseguir no momento em que as nossas gentes tomarem essa decisão, como o custaria um ano antes.

O que ha, é que todos ficam a olhar uns para os outros, sem iniciativa, a deixar fugir a tal *oportunidade*!

E essa é que é preciso saber aproveitar...



# Economias excéntricas das grandes «vedetas»

Segundo os psicólogos, o atavismo, que exerce uma enorme pressão na existência de toda a gente, é responsável pelo facto das pessoas opulentas serem frequentemente atreitas a economias especiais, por vezes divertidas.

As «estrelas» do cinema não podem, porque são, apesar da sua aparente imaterialidade, seres humanos como os outros, estar ao abrigo desta fraqueza. Muitas delas fazem economias cómicas, mesmo ridículas, das quais tiram o proveito de uns miseráveis centimos, enquanto que das suas mãos se escoam milhares e milhares de dólares para a satisfação de um simples capricho.

Todos nós temos uma «especialidade» em matéria de economia. Eu economizo utilizando todos os bocadinhos de papel que me caem nas mãos, para as minhas notas e apontamentos. Não obstante, permito-me o luxo de gastar dez ou doze dólares num par de sapatos de quarto, última moda, que só utilizo quando me levanto da cama. Outras pessoas terão prazer em gastar prodigamente quando oferecem uma festa, o que não quer dizer que não encham a casa com as suas recriminações se virem um criado deitar fora um pedaço de cordel.

Eu conheço um astro famoso que, sempre que compra calçado, pede um par de cordões extra. É também das minhas relações uma distinta escritora de cenários cinematográficos que se lamenta sempre que tem de comprar uma nova fita para a máquina de escrever, ou de substituir uma folha de papel químico. Em determinada ocasião surpreendi a esposa de um astro numa espécie de «Bazar dos Três Vintens» a comprar roupa de cama. E sei de uma artista que não dá mais de dez centimos de gorjeta ao criado que lhe serve o almoço.

Quási todas as «estrelas» colecionam cuidadosamente as amostras que a cada passo lhes enviam as fábricas que utilizam os seus nomes nos anúncios. O que lhes não interessa usar pessoalmente, oferecem-no aos parentes, que aceitam estas dadivas, cheios de gratidão.

Quem imaginaria, por exemplo, que Ina Claire resistisse, por espírito de economia, ao desejo de comprar um colar de pouco valor, apesar de se sentir fascinada pela forma caprichosa e beleza das suas pedras? E quem acreditaria que uma artista muito ocupada, cujo dia tem de ser repartido no cumprimento de numerosas obrigações, seria capaz de perder algumas horas em busca de um lugar vago para deixar o seu automóvel, a fim de não pagar a quota da praxe nos parques a este fim destinados?

Marie Dressler entende que não se deve desaproveitar nem a mais pequena partícula de maquilhagem. E para o demonstrar guarda dezenas de calxinhas, em cada uma das quais ha um bocadinho de «rouge», de carvão para os olhos, de pomada, etc., etc. Norma Shearer adora os perfumes caros, mas não quer comprá-los. Enquanto lhe restam umas go-



Mary Brian é uma aficionada da pesca. A julgar pela gravura, parece que a «colheita» não foi nada má. A não ser que o peixinho seja de celuloide...

tas, o bastante para usar uma vez, recusa-se a mandar buscar nova remessa. Greta Garbo economiza trajos de ba-

nho, pois insiste em tomar os banhos de sol completamente nua. Desgraçadamente, para os seus muitos admiradores, entrega-se a este prazer no terraço da sua casa, sendo impossível alguém contempla-la, a menos que se transforme em passaro ou suba num avião. Esta última solução não é, porém, recomendável, pois Greta costuma ocultar-se quando ouve o ruído de motores de aviação, o que mais dificulta ainda o prazer de a ver bronzear o corpo sob as carícias de Febo.

O espírito económico de Ramon Novarro evidencia-se quando anda em busca das luzes desnecessárias, nas diferentes salas da sua casa, para as apagar. Ramon não pode admitir que qualquer das lampadas da sua casa esteja acesa sem que alguém se aproveite da sua luz.

Richard Dix tem identica fraqueza. Mas não se limita a apagar luzes. Costuma também verificar se todas as torneiras da água estão fechadas. Para êle constitui um «desperdício» monstruoso deixar uma luz acesa ou não fechar bem uma torneira.

A pesar-de ser um pescador entusiasta, Wallace Beery economiza cuidadosamente todos os utensílios de pesca. E se algum deles, um anzol, por exemplo, se inutiliza, guarda-o. Esta mania não constitui exclusivo do grande actor, pois consta que do mesmo modo procede Mary Brian, que me garantem ser também uma pescadora impenitente.

## Efemérides da quinzena

De 16 a 29 de Julho

- Julho 16 (1919) — Estrela-se no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, o filme português «A Rosa do Adro», da «Invicta-Film», com Etelvina Serra, Erico Braga e Maria de Oliveira.
- 18 (1930) — Nos estúdios da «Tobis», em Epinay, é dada a primeira volta de manivela do filme «L'Etrangère», de Dumas Filho, dirigido por Gaston Ravel, com Elvire Popesco como protagonista.
- 20 (1920) — Chegam a Paris Douglas Fairbanks e Mary Pickford.
- 22 (1926) — Morre repentinamente na California o actor Willard Louis, que durante muito tempo trabalhou na «Warner».
- 23 (1920) — Estrela-se no «Condes» a fita «A Prisioneira do Amor», com Olive Thomas, primeira esposa de Jack Pickford.
- 24 (1920) — Foram a Tomar os srs. Afonso Gaio e Adolfo Leitão, a fim de filmarem a tradicional Festa dos Taboleiros, para a sua fita «O Condenado», produzida pela «Luzo-Films».
- 25 (1923) — Chegam a Paris, onde vão interpretar os principais papéis da fita «La Bataille», de Farière, os artistas japoneses Sessue Hayakawa e sua esposa Tsuru Aoki.
- 26 (1927) — Morre a cenarista June Mathis, a «descobridora» de Rodolfo Valentino.
- 27 (1920) — Estrela-se no «Condes» a fita «Chuva de Filhos», com Madge Kennedy.



## Carole Lombard e William Powell, um matrimónio feliz

Carole Lombard, a loira «estrela» da «Paramount», chama a seu marido «Junior», enquanto que os seus amigos lhe chamam Willie. E Powell encolhe os ombros, sem compreender a razão dos dois apodos, dos quais nenhum deles lhe soa tam bem como William, o seu proprio nome.

Não ha muito, Powell foi consultar o médico, alegando que nunca se havia sentido pior na sua vida e que portanto queria que lhe fizesse um exame meticoloso, a-fim-de averiguar se algum dos seus órgãos funcionava mal. Depois de uma minuciosa auscultação, o médico proferiu o seguinte veredicto. «Segundo o exame que acabo de te fazer, supponho que és o homem mais saudavel de toda a California».

«No entanto, — observou Powell —, sinto-me horrivelmente mal».

E saiu aborrecido, talvez mais descontente do que se o médico lhe tivesse dito que estava gravemente enfermo.

William Horatio Powell, conhecido actualmente por William Powell, usou durante muitos anos a inicial H entre o seu nome, porque não queria ser confundido com um outro William Powell, que tambem trabalhava no cinema e no teatro. Mas hoje desistiu dessa precaução, porque é demasiado conhecido para se confundir a sua personalidade com a de qualquer outro.

Powell afirma que se fosse suficientemente rico para deixar de trabalhar e fazer o que lhe apettesse, gostaria de ser um vagabundo (em *comfort* claro está) e viajar sem um itinerario previamente marcado. Na vida privada usa sempre camisa branca e gravata preta, porque não quiere perder tempo a escolher «a camisa que diz melhor com este trajo e a gravata que melhor se harmoniza com esta camisa».

Tem uma bela voz de barítono e já por diversas vezes se sentiu tentado a tomar lições de canto. Gosta de cantar sempre que está ocupado a tomar banho ou a proceder a qualquer detalhe da sua *toilette*. E' indiferente a todas as distrações, excepto a de montar a cavallo, mas nem por isso passa de um mediocre cavaleiro.

William Powell nunca fuma, e se alguma vez se permite a extravagancia de introduzir um «puro» ou um cigarro nos labios, nunca traga o fumo. Em troca, Carole não poderia passar sem fumar. Mas, afortunadamente para o marido, ela propria custeia as despesas deste vicio.

Willie nunca teve um Rolls-Royce, mas é extremamente afeiçoado aos prazeres da mesa. Encantam-no os cães, os cavalos e os gatos, mas não suporta os passaros. A pobreza assusta-o e tem uma unica ambição: chegar a ser financeiramente independente.

Em sua opinião, o hotel Sevilla-Biltmore de La Habana, é o lugar mais interessante do mundo para tomar refrescos, e Shakespeare o unico poeta que não o aborrece. Tem manifesta antipatia pelo Oceano Pacifico, mas sente um grande entusiasmo pelo Atlantico.

Não crê que seja benéfico apresentar-se em publico antes das estreias das suas pelliculas, encanta-o a comida mexicana com os seus condimentos picantes e dá saltos como uma criança quando lhe oferecem tomates. Outra das suas predilecções mais características é a de jogar os dados.

Não tem uma casa de praia em Malibu Beach e o seu esforço para manter a linha consiste numa constante batalha para não engordar, porque sempre que engorda a sua saude deixa muito a desejar e Willie sente-se horrorizado sempre que suspeita de que o seu organismo não está completamente O. K.

Entende que «Ladies Man» é a pior das suas pelliculas e «Street of Chance» a melhor. Até hoje não pensou a serio no porvir e nunca se lembrou de dedicar-se a dirigir pelliculas ou a escrever um livro.

Pedindo desculpa a Carole Lombard, sua encantadora esposa, e aos bons amigos que sentem grande admiração por elle, sou forçado a confessar que Willie é um dos piores jogadores de *tennis* e de *golf* de toda a California, enquanto que Carole é uma das melhores jogadoras de *tennis* de Hollywood e seus arredores, sendo não poucas vezes finalista no concurso anual que celebram os actores.

Quando lhe falam na pouca mestria do marido nos jogos a que aludi, Carole confessa: «Sim, joga pior do que Dick Barthelmess e Ronnie Colman». E isto é o bastante para eu concluir que os três jogam horrivelmente mal, porque Carole não gosta de criticar seu marido nem os seus dois melhores amigos.

Carole estremece sempre que seu marido tem de comprar um chapéu novo, porque em geral este acha que nenhum lhe fica bem e por vezes experimenta todos os que existem no estabelecimento, acabando por pedir mil desculpas por não levar nenhum.

Tanto Carole como Willie sentem uma admiração sem limites por Paris, embora elle por vezes diga que preferiria viver em Florença, porque não ha país mais encantador do que a Itália. Mas, como nunca chegam a um acôrdo, quando viajam, não vão além de Paris. E' na cidade Luz que Carole gasta tod.s as economias em vestidos, joias e perfumes, enquanto que Willie se dedica a sonhar com tempos passados e se contenta comprando umas lembranças para os seus bons amigos Dick e Ronnie, sempre sem perder de vista a bagagem de Carole, para que se não percam os tesouros de elegancia que encerra.

Ambos gostam de jogar o *poker* e o *bridge*, embora Powell seja um péssimo jogador. A' medida que vai avançando em idade, Willie torna-se mais simples



Carole Lombard



William Powell



nos seus costumes. Muitas vezes não saem de casa. Barthelmess e Colman retinham-se e cantam alegremente na biblioteca, enquanto a esposa de Dick e Carole conversam na varanda.

Por vezes as canções não passam de três ou quatro, porque gastam meia hora no fim de cada uma, discutindo qual ha-de ser a seguinte.

Os três amigos foram baptizados em Hollywood com o apodo de «Os três Mosqueteiros», pois são igualmente inseparáveis. Ha tempos Barthelmess fez uma viagem á China com sua esposa. Pouco depois de chegar, appareceu lhe Ronald Colman. E se Powell os não seguiu não foi por falta de vontade, mas porque tinha de terminar uma película de importância e não podia abandonar o estúdio.

Os três amigos gostam de usar camisa de sport á americana, calças de seda branca no verão e de flanela no inverno. Geralmente trazem as mangas da camisa arregaçadas e não é raro as gravatas apparecerem desoladoramente amarrotadas nos bolsos das calças. Carole e Jessica cuidam de Willie e de Dick, mas Ronnie queixa-se de que ninguém se interessa pela sua roupa, razão porque circula o boato de que em breve nos surpreenderá a noticia do seu divórcio. Ronnie está ha muitos anos separado de sua esposa e ha quem afirme que se casará com Thelma Todd, ou com qualquer outra das muitas beldades que suspiram por elle.

Outro grande defeito dos três amigos é demorarem-se muito tempo a fazer a toilette, do que resulta Carole e Jessica verem-se amiude obrigadas a esperar pelos «três mosqueteiros» mais de meia hora, chegando por vezes tarde a estreias e divertimentos. Mas, a-pesar dos seus muitos defeitos, os três estimam-se sinceramente e Carole e Jessica consideram-se infinitamente felizes.

J. HENRY STEELE.

### Joan Crawford e seu marido, em Londres

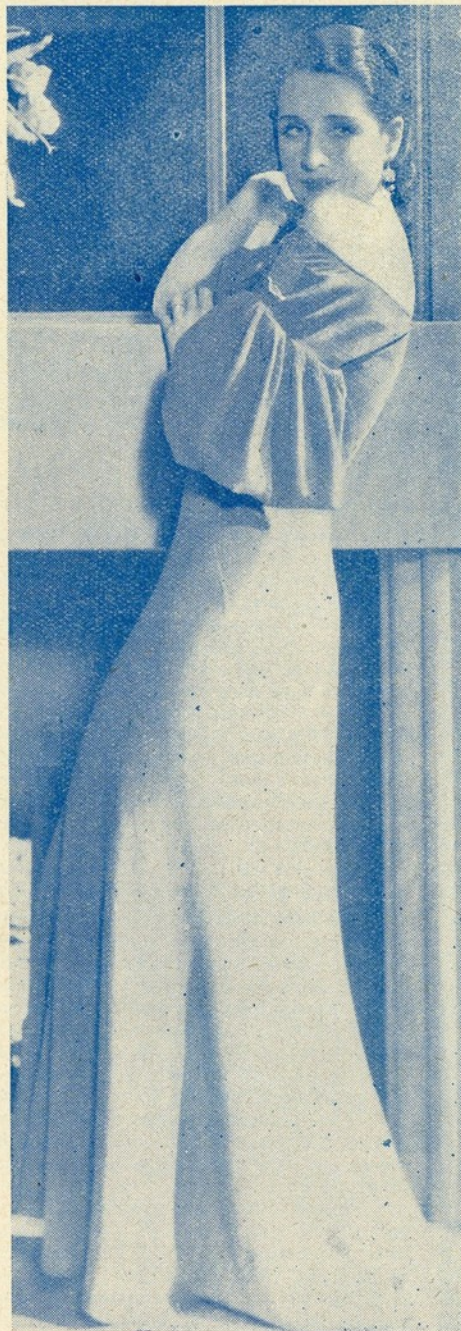
No dia 14 de Julho chegaram a Cherburgo, donde seguiram para Londres, os artistas americanos Joan Crawford e seu marido Douglas Fairbanks Junior. No dia 15 foi oferecido um banquete aos dois artistas, no Savoy Hotel, a que assistiu toda a imprensa londrina.

### Norma Shearer e a letra «S»

A linda «estrela» Norma Shearer, da «M-G-M», tem uma grande fé com a letra «S». Assim, alem do seu nome principiar por aquela consoante, os seus dois últimos filmes, que foram dois exitos na America, começam por «S» — «Strangers May Kiss» e «Strange Interlude», como por «s» principia também o filme que actualmente está interpretando — «Smiling Through» dirigido por Sidney Franklin, cujo primeiro nome tambem começa por «s».

### Lilian Harvey ferida

Quando estava filmando uma cena do fonofilme «Der Blonde Traum» («O Sonho Dourado»), para a «Ufa», a protagonista Lilian Harvey caiu tam desatradamente que ficou ferida. O médico, chamado a toda a pressa, prestou-lhe os primeiros socorros, ordenando que Lilian Harvey fosse conduzida para casa, onde deve guardar o leito durante alguns dias.



Norma Shearer, a formosa «star» de perfil grego, que tem obtido como nadadora um successo identico ao que alcançou como artista

## CORRESPONDENCIA

(Continuação da página 2)

Não calcula como as cinéfilas tripeiras estão invejosas por não terem visto o Murat. Em compensação, veem-me a mim! Ao passo que Vocês, as lisboetas...

Vou transmitir os seus agradecimentos ao «Louco por Jean Harlow».

TRÊS FUTURAS ESTRELAS: — Ai! Tenho que ouvir!...

Oliem, minhas queridas (com licença da minha mulher), isso foi um *truc* para obrigar aquelas três «ingratas» parentes entre si a escreverem-me. Não é motivo para deixarem de me escrever! Ainda bem que uma de vocês (qual delas, a *minha*?) ficou distinta no exame! Beijo-lhe as mãos, radiante.

Fitas de Lilian Harvey e Anny Ondra? Só na próxima época virão coisas novas.

LOUCO POR JEAN HARLOW: — «17 Junhos em Flor» agradece os parabens. Ela queria saber quando é que você fazia anos, para lhos retribuir. Mas como não queremos correspondência entre leitores, por intermédio desta secção, faça de conta que «17 Junhos em Flor» lhe envia os parabens no dia dos seus anos.

X. P. T. O.: — Ha, sim senhor, todos os n.ºs que pede da revista. Tambem ha os do jornal «Cinema», que custam \$50 e são 12.

VIVA A DOLLY HAAS: — Agora, segundo o Director, não se diz «Viva!» E «Ala, ala, ala, arriba!» Não sei lá que mania é aquela! Parece que veio gago, de Coimbra, quando foi ao futebol.

Postais da Dolly Haas, deve o director receber em breve, da marca «Ross». Escreva-lhe para a rua do Bomjardim-436-3.º. Mas nada de fazer misturas com assuntos cá para a revista.

DOIDO POR LOIRAS: — Parece que estão todos a «entrar» comigo, a desejarem-me férias felizes!... Está a vêr, que férias! Mais este número em Julho, outro em Agosto e outro em Setembro! Antes um mês só de férias, mas ininterrupto, 100% de marismo...

Mas sempre é melhor assim, do que não gozar férias nenhuma, como Você, que, segundo diz, está proibido pelos médicos. Nem mesmo pode fazer flirt. Coitadito! Tenho pena de si! E da sua Pepe! Com que então, deseja que eu gose por mim e por si? Estou de acordo. Mande-me a sua Pepe!...

EU SEI TUDO.

Antiga actriz Bille Burke, esposa de Florenz Siegfeld, vai estrearse no cinema sonoro, interpretando para a «RKO» a fita «A Bil of Divorcement», sob a direcção de George Cukor.



# Dentro e Fóra dos Estudios

Eric von Stroheim foi contratado pela «Fox», para dirigir a fita «Walking Down Broadway» (Passeando por Broadway), com James Dunn como primeiro actor.

Jean Harlow deve ter casado em 2 do corrente com Paul Bern.

A «Paramount» pediu emprestada à «Fox» a actriz Elissa Landi, para a protagonista de «The Sign of the Cross», que será dirigida por Cecil De Mille, bem como Leila Hyams à «M-G-M», para um dos papeis de «The Big Broadcast».

## Quem quer ser «estréla»?

*Para escolher a rapariga que ha-de interpretar a primeira figura feminina da próxima fita "Panther Woman" ("Mulher Pantera"), a "Paramount" está organisando um concurso por intermédio dos cinemas dos Estados-Unidos e do Canadá. A vencedora terá viagem grátis a Hollywood, com um contrato de 5 semanas e ordenado semanal de duzentos dollars.*

*Os retratos e os filmes de experiencia serão enviados para Hollywood, para serem seleccionados por um juri formado por Ernst Lubitsch, Cecil B. De Mille e Rouben Mamoulian.*

Richard Talmadge (Ricardito) está interpretando «Speed Madness» («A Loucura da Velocidade»), com Lucien Littlefield, Charles Sellon, Pat O'Malley, Mathew Betz e Huntley Gordon, todos nossos conhecidos, tendo como primeira actriz Nancy Drexel.

Florence Vidor, a conhecida actriz americana, que deixou o cinema depois que casou com o célebre violinista Jascha Heifetz, deu à luz, em fim de Junho, um garoto que recebeu o nome de Robert Joseph.

Os dois cómicos americanos Jimmy Durante e Clyde Cook foram acres-

centados ao elenco da fita «Blondie of the Follies», a nova produção da «M-G-M», com Marion Davies, Billie Dove e Robert Montgomery.

Robert Warwick, veterano actor do cinema, donde os primeiros dias do silencioso, tem um dos papeis de «Unashamed», a nova fita da «M-G-M», com Helen Twelvetrees, Lewis Stone, Robert Young, Jean Hersholt e John Miljan.



**Wynn Gibson apareceu fugidamente em «Ruas da Cidade». Mas bastou esse papel fugidio, para no-la apresentar como grande actriz, que todos esperamos ver em figuras de mais responsabilidade.**

O realizador russo Alexandre Room está preparando o filme «Terror» inspirado num drama de Aspino-guenoff.

A fita «Das Lied einer Nacht» («A Canção dum noite») com Jan Kiepura, completou há dias no «Gloria-Palast», de Berlim, a sua 100.<sup>a</sup> exhibição.

Guy Kibbee, que vimos no padras-to de Sylvia Sidney em «Ruas da Ci-

dade» é o actor que mais filmes tem feito ultimamente.

Nos primeiros seis meses de 1932 interpretou nada menos de 13 fitas: «Taxi», «Fireman, Save my Child», «High Pressure», «Union Depot», «Man Wanted», «Play Girl», «The Crowd Roars», «Strange Love of Molly Louvain», «So Big», «Winner Take All», «Two Seconds», «Dark Horse» e «Big City Blues». Um récord!

O pequeno actor Jackie Cooper começou a interpretação para a «M-G-M», da sua nova fita «Father and Sons» («Pai e Filhos»), sob a direcção de Charles Reisner. Conrad Nagel e Lewis Stone tomam parte.

## Jack Buchanam vai fazer em inglês «A Culpa é do Bibi»

*O actor inglês Jack Buchanam, que vimos em "Monte-Carlo", com Jeanette MacDonald, vai fazer para a casa inglesa "British and Dominion's" a fita "Yes, Mr. Brown", que é nem mais nem menos do que "A Culpa é do Bibi". ha pouco exhibida entre nós. Jack Buchanam, alem de interpretar o papel que na versão francesa é desempenhado por René Lefebvre, é tambem um dos cenaristas e o realizador da versão inglesa.*

O realizador russo Djovenko está realizando a fita «Ivan», cujos exteriores são tirados no Caucasso e nas margens do Dnieper.

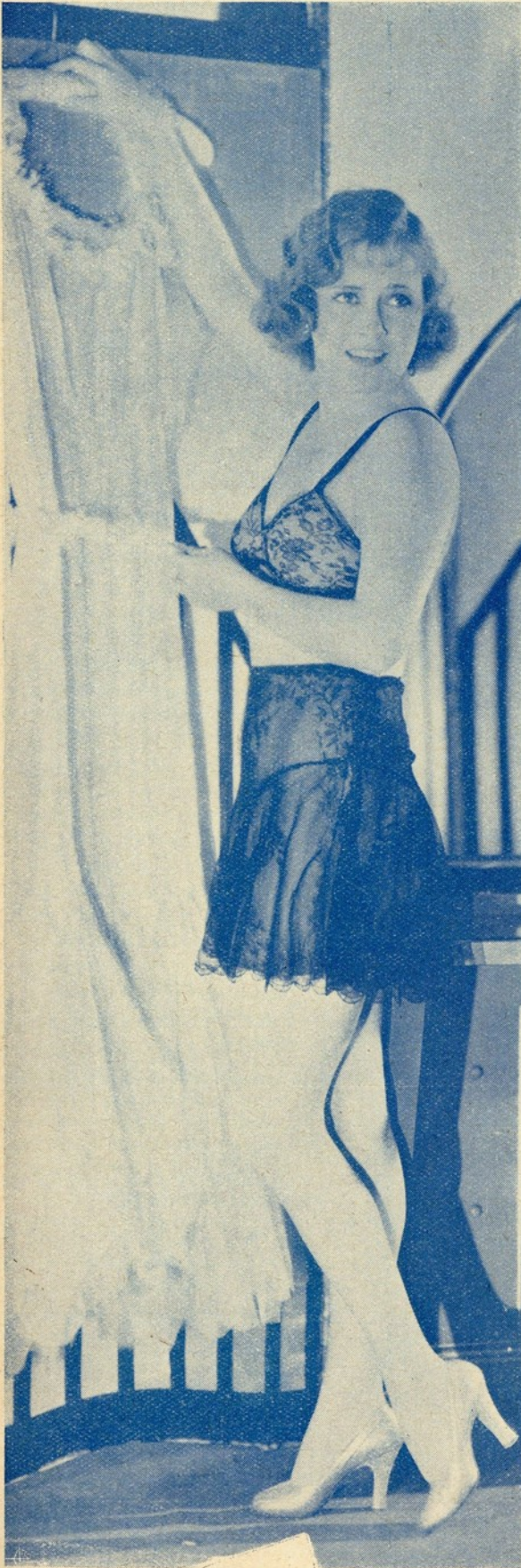
A fita que Kean Maynard está interpretando atualmente nos estudos da «Tiffany» intitula-se «The Eagle's Shadow» («A sombra da águia»). Ruth Hall, Arthur Hoyt, Alan Roscoe e Martha Mattow fazem parte do elenco.

Meg Lemonnier, André Luguet e Fernand Frey são os principais intérpretes da fita «Une Faible Femme», que Max de Vaucorbeil está realizando nos estudos «Paramount», de Joinville.

C  
I  
N  
E  
M  
A  
7



## A paixão das "estrelas" pelos desportos



O clube olímpico de Los Angeles abarrotava de gente nessa noite. Um amador latino que aparecia com mais frequência no *écran* do que no *ring*, batia-se com um antigo campeão de *box*, que se havia deixado tentar pela magia do *écran* e que sonhava cingir a sua fronte com uma nova coroa de louros, sem por isso renunciar de modo algum à antiga. A assistência, composta na sua maior parte de artista do cinema, manifestava ruidosamente as suas preferências. Os *rounds* sucediam-se sem que qualquer dos adversários conseguisse marcar uma vantagem real, quando um directo à máxila abalou o amador, que cambaleou e foi de encontro às cordas.

Próximo do *ring*, uma voz fremente elevou-se, proveniente de uma *satr*, também latina, que tem a reputação de não saber ocultar convenientemente as suas impressões.

— Mata-o! — exclamava, com o rosto enrubescido pela emoção. E agitava os debéis punhos cerrados, como se quisesse tomar parte activa no combate.

A multidão explodiu de entusiasmo, soltando frases de encorajamento ao campeão, enquanto que a jovem, indiferente ao que se passava em seu redor, se agitava desesperadamente, continuando a gritar:

— Mata esse cobarde, esse bruto! Lança-o a terra!

Galvanizado, o amador pareceu sair da sua letargia e, lançando um rápido olhar para o lado de onde vinham estes incitamentos desesperados, arremessou-se de novo à luta, com tal vigôr que momentos depois vencia o adversário.

Esta pequena cena demonstra-nos que Hollywood se interessa a valer pelos desportos. De facto, a capital do cinema encerra dentro de si uma multidão de apreciadores e de adeptos fervorosos dêsse novo deus que se chama o Músculo. E se, em todos os tempos, a colónia cinematográfica praticou o *tennis*, o *golf* e a natação, as *stars* parecem experimentar, de ha tempos a esta parte, uma onda de entusiasmo por tudo o que respeita à cultura física. Se não receasse que me acusassem de ser exagerada, diria mesmo que muitas de entre elas parecem mais avidas de triunfos desportivos do que de sucessos cinematográficos, talvez porque dêstes últimos já contam bastantes. E o *foot-ball*, o *base-ball*, o polo, a aviação e a equitação possuem, na colónia, amadores que poderiam muito bem transformar-se em campeões profissionais.

Entre êstes conta-se, por exemplo, Joe E. Brown, capitão de uma equipe de *base-ball*, que se mede frequentemente com Buster Keaton. capitão de uma outra equipe considerada invencível na Califórnia. Convém não esquecer que Joe Brown foi um jogador profissional muito cotado antes da sua entrada no meio cinematográfico.

Quanto a Buster Keaton, o homem que nunca ri, tem recusado inúmeras vezes as ofertas de empresários que pretendem incluí-lo em grupos de jogadores profissionais. O *box* também tentou o impassível Keaton, que pode defender-se muito melhor do que o que faz prever o irresistível *match* de «Buster Millionário», um filme que veremos na próxima época.

Mas é incontestavelmente o *tennis* o desporto mais praticado em Hollywood, tanto pelos homens como pelas mulheres.

Constante Bennett é uma das melhores *raquettes* da colónia, e os seus admiradores teriam bastante dificuldade em reconhecer, na ardente jogadora de saias curtas, pernas nuas e cabelos em desalinho, a *star* cuja graça arrebatadora apreciam nos seus filmes.

Marion Davies é uma das suas mais perigosas rivais, e a opinião corrente afirma que, se ela se treinasse seriamente, poderia transformar-se numa campeã americana. Joan Crawford é, também, uma amadora fervorosa dos *courts* de *tennis*, o mesmo sucedendo com Carole Lombard, Anita Page, Mirlam Hopkins, Ann Harding e Joan Bennett.

Esta última é tam apaixonada por este desporto que, ainda convalescente de um desastre de equitação do qual lhe resultou fracturar um quadril, fez-se conduzir, numa ambulancia, a um *match* de *tennis*, assistindo desde o principio até ao fim estendida numa maca.

O *golf* conta tambem adeptas de renome, como Mary Pickford, que joga com o fervor dos principiantes, e Wynne Gibson, que passa por ser a melhor jogadora de Hollywood.

(Continua na página 15).

Esta Kathryn Crawford é outra das tais que a gente vê muitos retratos... e nada de fitas.

Pois muito gratos ficavamos todos à "M-G-M" se nos mandasse uma fiñinha com a Kathrynzinha...



# O segredo do triunfo de Jeanette MacDonald em Paris

Quando me foi permitido conhecer Jeanette MacDonald, que se encontrava no andar número 40 de uma formosa casa em Central Park, imaginei que ia conhecer outra prima dona, bela, graciosa, inarticulada, como todas as que tinha conhecido nos meus longos anos de reporter infatigável. Ia encontrar-me frente a frente com a parceira de Maurice Chevallier, com a formosa rapariga que havia servido com êxito de primeira figura feminina nas comédias musicais de Billy Van e por quem Andrew Tombs sente um carinho paternal, porque com ela alcançou um formidável êxito em Broadway.

Havia-lhe sido extremamente fácil dar o passo que devia leva-la do palco ao cinema, e agora encontrava-se em New York com o fim de embelezar com a sua presença a estreia de «Uma Hora Contigo», a última fita que havia feito sob a direcção do genial Lubitsch, película na qual bilha a graça sem igual do rival de Clark Gable, universalmente conhecido por «Chevallier».

Todas estas coisas eu conhecia antes de tomar o rápido ascensor que em meio minuto me levou ao andar quarenta, onde havia de encontrar a beldade que se dignara conceder-me uma entrevista. Mas não estava preparado para conhecer uma heroína de Graustark, a figura central de uma intriga internacional.

Parece que havia um príncipe na Itália que conquistou uma princesa da Bélgica. Pouco depois do casamento, o recém-casado fixou os seus olhos numa formosa rapariga, e a princesa, ardendo em cólera, procurou a mulher que illicitamente lhe roubara o amor de seu marido, desfigurando-a inteiramente com o vitriolo contido num frasco de que ia munida. E o caso é que todos os jornais anunciaram que a mulher desfigurada era Jeanette MacDonald, a «estrela» cinematográfica americana.

Ao facto do que a seu respeito se dizia, Jeanette foi imediatamente a Paris e anunciou o seu desejo de trabalhar na cena de qualquer Music Hall, para que o público se convencesse de que a sua cara não estava estropeada e que portanto não era ela a mulher que havia procurado um amor illicito.

Jeanette temia ser recebida com hostilidade. A empresa, em vista disso, escolheu um programa muito atraente para a sua representação. Uma comédia musical curta, estilo miniatura, e para primeira aparição em cena foi eleito o número melhor de «Montecarlo».

No dia da estreia, o auditorio não só se mostrou afável como aplaudiu freneticamente. E desde aquele instante, Jeanette foi considerada uma filha nativa dos franceses. Ovaçionaram-na durante a primeira canção, e em cada número que se seguiu foi crescendo o entusiasmo. O seu contrato foi reformado três vezes, e durante as oito semanas em que Jeanette apareceu em cena não houve um único lugar devoluto. Foi aclamada como a primeira figura de Music-Hall, sem exceptuar Mistinguett, e Paris rendeu-se a seus pés em justa homenagem à sua beleza, ao seu talento, e também em justa



**Ainda haverá alguém que não goste do cinema sonoro?  
Então essa gente não se lembra de que, se não fosse  
o fonocinema, nós ainda hoje estavamos sem  
conhecer a Jeanette MacDonald?**

compensação por haver duvidado da sua honestidade.

Recebeu-me amavelmente e mostrou-me os recortes de vários jornais e revistas que havia coleccionado durante a sua permanência em Paris. Disse-me, além disso, que tinha de abandonar a sua querida New York porque devia começar a trabalhar em outra película musical com o seu bom amigo e companheiro de êxi-

tos Maurice Chevallier. A película terá como título «Ama-me esta noite» e será dirigida pelo talento de Mamoullan, o célebre realizador de «Ruas da Cidade». Depois fará «Bitter Sweet», para a «Fox», e terminará o programa previsto com uma nova fugida a Paris, onde naturalmente a espera o costumado entusiasmo.



**f i x e a  
m a r c a**



**a melhor marca de postais  
de artistas de cinema**

à venda nas principais papelarias e tabacarias

representante geral para portugal e colónias

**alberto armando pereira**

rua do bomjardim, 436-3.º — pôrto



# "Mulheres de todas as Nações"

Produção «Fox». Realização de Raoul Walsh.  
Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Victor MacLaglen, Edmund Lowe, El Brendel,  
Greta Nissen e Fifi d'Orsay

A R G U M E N T O

Depois de terem auxiliado a sufocar uma insurreição na Nicarágua, Flagg, Quirt e Olsen, com um destacamento de marinha, foram enviados para Brooklyn Navy Yard.

Em Brooklyn, Quirt abandona o serviço e Flagg e Olsen são mandados para o serviço de recrutas.

Flagg e Olsen são atraídos pelas lindas damas que ocupam a bela sala ao longo do Hall. Após várias tentativas inúteis para tomarem conhecimento com



algumas delas, Flagg é assaltado por uma excelente idéia, mas não tem tempo de a pôr em prática.

E' dada a ordem de partida, mas, antes de embarcarem para um cruzeiro de prazer pelo mundo, Quirt alista-se de novo.

Em Gottenburg, Suécia, os marinheiros divertem-se com as suecas loirinhas. Flagg encontra-se com Elsa, só para arrelhar Quirt. Aquele atira-se de cabeça numa aposta pelas loiras, quando, subitamente, Olaf, amante gigantesco de Elsa, entra em cena. Então a ordem de partir de novo é recebida por Flagg com muito prazer. Antes de sair da Suécia, Flagg sabe que a maior ambição de Elsa é ser favorita num harem turco. Por acaso, o primeiro porto de escala é precisamente na Turquia.

De licença, em terra, Flagg, Quirt e Olsen ouvem, de súbito, uma música fascinadora emanada de um templo, e que lhes recorda Coney Island.

Decidem-se a investigar e, astuciosamente, conseguem entrar, achando-se no meio de um autêntico harem turco. Ali encontram Elsa, que viu realizada a sua ambição.

Inicia-se uma luta para atrair a sua atenção. Essa luta aumenta até que entra o Príncipe Hassan. Este comunica-lhes que a sua situação corre grande perigo. Então, Flagg e Quirt, ombro a ombro, lutam tenazmente para saírem da maior encravação em que até então se tinham visto.



## Anny Ondra vai casar com Max Schemelling

A nossa conhecida e azogada Anny Ondra, que é divorciada do seu realizador habitual Karl Lamac, vai casar com o *boxeur* alemão Max Schemelling, ex-campeão do mundo dos pesos pesados.

O casamento deve realizar-se brevemente em Paris.

(Informação A. I. C.)



## A «M-G-M» processada

Os escritores americanos Edward Shelton e Margaret Ayer Barnes processaram a «M-G-M», acusando esta firma de ter plagiado a fita «Letty Lynton», interpretada por Joan Crawford, do seu drama «Dishonored Lady», que aquela firma ficou de filmar, prometendo-lhes pagar trinta mil dollars.

C  
I  
N  
E  
M



## Dorothy Jordan estará casada em segredo?

Dorothy Jordan e o seu ex-noivo Donald Dillaway voltaram a fazer as pazes, e as «más línguas» asseguraram que não tardarão a casar-se, «se é que o não fizeram já» em segredo, para não prejudicarem as suas carreiras, visto que ambos pretendem conservar o favor do público e não pensam em retirar-se da actividade cinematográfica.

Dorothy, uma entusiasta por todos os desportos, está verdadeiramente encantada ante a perspectiva de que as Olimpíadas se celebrem este ano em Los Angeles. Todas as casas produtoras contribuíram grandemente para fomentar o entusiasmo internacional em favor dos jogos olímpicos e as «estrelas» mais jovens e bonitas prestaram-se gostosamente a posar em trajes desportivos e de atletismo, no intuito de conseguirem que a juventude internacional se una a elas para dar mais esplendor e grandeza aos certames.

A «Metro» foi sem sombra de dúvida a firma produtora que mais procurou alcançar esta finalidade e as bonitas raparigas que formam o elenco da mesma, Virginia Bruce, Kathryn Crawford, Madge Evans, Leila Hyams, Dorothy Jordan, Joan Marsh, Mary Carlyle, Karen Morley, Maureen O'Sullivan, Anita Page, Ruth Selwyn e Mirna Loy, formaram um clube desportivo do qual é director geral Johnny Weissmuller, o formidável campeão internacional de natação que actualmente se encontra em Hollywood fazendo películas para a «Metro», a primeira das quais foi «Tarzan, o Homem Macaco», e cujo fim é fomentar o entusiasmo desportivo entre as «estrelas» femininas. Algumas «estrelas» tem feito, em pouco tempo, progressos verdadeiramente notáveis. Leila Hyams e Norma Shearer, por exemplo, nada tem que invejar a Galtud Ederle ou a qualquer outra nadadora de fama.

Donald Dillaway, o noivo ou talvez o afortunado esposo de Dorothy Jordan, é também um desportista exemplar. Está considerado como o melhor jogador de Polo.

Dorothy, como quasi todas as raparigas modernas, quer ser financeiramente independente, porque não pode suportar a idéa de ter de pedir a seu marido um par de dólares para umas meias, e Donald alega que não possui ainda economias bastantes para rodear a sua futura de todo o luxo e comodidades a que está acostumada, graças ao seu trabalho. Além disso, entende que são ambos muito jovens e que não devem dar um passo definitivo sem terem a certeza dos seus sentimentos um pelo outro, visto que só aspiram a um «casamento de longa duração». As suas famílias são religiosas e portanto não suportariam sem profundo desgosto a idéa de um divórcio. E Dorothy, que nunca deu um escândalo nem serviu de pasto às más línguas, não quer arriscar o seu bom nome. Isto é o que alega Donald para explicar o facto do casamento se não realizar já. Mas... e se já se casaram?

Que Dorothy Jordan e Donald Dillaway se amam, é coisa que não oferece dúvidas.

O que resta saber, o que só eles sabem, é se já selaram esse amor com os

# Pelas nossas Cinemas

COM O FOGO NÃO SE BRINCA (Nicole et sa vertu): — Certos produtores franceses é que não deviam «brincar às fitas»...

A casa «Jacques Haik» deu-nos uma fraca produção francesa do tipo do valor médio da produção cinegráfica da França... Donde se conclue que nem com a protecção de leis de contingente a cinematografia francesa vai lá das pernas...

«Com o fogo não se brinca», cujo argumento se apresenta chelo de franceses que nós dificilmente poderemos suportar, é realizado teatralmente por René Hervil. Diálogos com fatura, mas diálogos com banalidade, sem, ao menos, já que se trata de teatro cinematografado, haver nessa permanente conversação qualquer coisa de aproveitável como contra partida da falta de acção, da desejada

laços do matrimónio. Como acima disse, não falta quem «murmure» que os dois pombinhos representam uma comédia e que estão secretamente casados ha algum tempo. E não tem conta os passos que diariamente se dão para averiguar o que ha de verdade neste boato.

TOMMY CLIFORD.



Poderíamos dizer que se tratava de alguém de cá da casa a fazer marismo... Mas não! Manda a verdade que se diga que éle é o Robert Montgomery, e ela a Dorothy Jordan, ambos da «M-G-M».

movimentação que lhe desse características filmicas.

Alice Cocéa, avê'hada ou mal maquilhada, quasi que justifica a infidelidade de André Roanne... Este continua estagnado, sem dar um passo à frente na escala de valores interpretativos. Que falta de galãs que ha em França. Robert Goupil, numa personagem absolutamente falsa, val muito bem. Ele e o garoto Claude são o que de melhor tem a fita.

E não quero terminar sem fazer referencia àquela decoração que transforma a residência do casal Nicole-Lucien, decoração estilo exposição colonial à mistura com muita falta de gosto... Não consegui convencer-me da possibilidade de se pretender dar àquela transformação um aspecto de caricatura, a roçar pelo ridículo. Se foi essa a idéa do autor, então está aceitável o exagero.

Autor: Felix Gandéra. Realizador: René Hervil. Autor musical: Albert Chantrier. Intérpretes: Nicole, Alice Cocéa; Lucien, André Roanne; O amigo, Robert Goupil; Mado, Paulette Duvernet; Luisito, Enrique de Rivéro; O pequeno Claude, Claude Barghon.

Produzida em 1931 por Jacques Haik. Programa Castelo Lopes Lda. Estreada no «Aguia d'Ouro» em 11 Julho 1932.

MARIUS (Marius): — A obra de Marcel Pagnol, levada ao cinema pela «Paramount», tem sido em França um dos maiores exitos do fonocinema. O livro e peça teatral, popularísimos, asseguraram à obra filmada um sucesso de bilheteira. E o facto de «Marius», no cinema, ser interpretada pelos mesmos artistas que a desempenharam no teatro, aumentaram ainda mais as probabilidades de éxito, que se confirmaram plenamente.

Mas em Portugal o caso é diferente. O grande público não viu «Marius» no teatro nem leu o livro de Pagnol. Não conhece Raimu, nem Pierre Fresnay, nem Orane Demazis. Não tem, pois, a maioria do nosso público, o mínimo agente provocador de interesse pelo filme «Marius» — qualquer dos varios agentes que asseguraram o éxito em França. Porque, quanto a cinema, não ha nem um bocadinho na fita que Alexandre Korda tirou da obra de Pagnol.

«Marius» é puro teatro filmado. Temos de concordar, porem, que é do bom teatro. Diálogo continuo, permanente, ligado de principio a fim, sem uma unica imagem-cinema a interrompê-lo, numa utilização absolutamente anti cinegráfica, no método mais primitivo do cinema, do cinema sonoro. Mas, na verdade, excelente diálogo! E, sobretudo, que magnífica representação, que grandes intérpretes!

Raimu, que nas primeiras cenas me pareceu hesitante, ligeiramente apático, convenceu-me logo a seguir de que é um actor de forte envergadura. O seu «Cesar» é um trabalho colossal dum comediante de grande valor. Pierre Fresnay, no «Marius» — uma figura difficil, recortada pelas mais diversas nuanças, das quais surge, dominadora, a obsessão





GEORGE BANCROFT,  
o "bruto" de quem as  
mulheres gostam...



da partida, da atracção do mar — mostrou-se familiarisado com tal personagem, sem esquecer sequer o sotaque marseilhês. Orane Demazis, tam felazinha como boa actriz, teve momentos de grande relevo. As cenas finais com Marius e, depois da partida d'êste, com Cesar, são de categorisada artista. Alida Rouffe, P. Dullac, Charpin, completam excellentemente o magnífico elenco de «Marius», uma fita que não tem nada de cinema, que me não agradou nada como fonofilme. Mas está tam bem escrito o diálogo, tam bem representada esta peça teatral filmada, que eu, por esta vez, esqueço que sou crítico de cinema, e atrevo-me a declarar que não dei por mal empregado o meu tempo.

A-pesar das férias!...

Autor: Marcel Pagnol. Realizador: Alexandre Korda. Intérpretes: Marius, Pierre Fresnay, Cesar, Raimu; Fanny, Orane Demazis; Panisse, Charpin; Escartefigue, Pierre Dullac; Honorine, Alida Rouffe; Piquoiseau, Milharesco.

Produzida em 1931 pela «Paramount» (França). Programa «Paramount Films S. A.». Estreada no «São João» em 11 Julho 1932.

**BEIJA-ME OUTRA VEZ** (Kiss me Again): — Mais ou menos, as mesmas qualidades e os mesmos defeitos de «Noites de Viena», a que me referi no último número. Apenas «Beija-me outra vez» salienta mais a nota cómica, onde se destaca Claude Gillingwater, um grande actor americano que eu vejo sempre com agrado. De resto, boas vozes, bons coros, mas só aquela infeliz apresentação do filme a preto e branco, quando se trata duma fita originalmente colorida, faz a gente perder a vontade de vêr se o filme tem mais alguns merecimentos!

Autor: Henry Blossom. Autor musical: Victor Herbert. Realizador: William Seiter. Intérpretes: Fifi, Bernice Claire; René, Edward Everett Horton; Paul St. Cyr, Walter Pidgeon; Marie, June Collyer; François, Frank MacHugh; Conde St. Cyr, Claude Gillingwater; A modista, Judith Vosselli; O General, Albert Gran.

Produzida em 1931 pela «First National». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Trindade» em 12 Julho 1932.

**O ANJO DA NOITE** (The Night Angel): — O sr. Edmund Goulding, que escreveu e dirigiu êste filme, precisava de apanhar duas surras por ter feito perder tempo e dinheiro à «Paramount» com uma fita como esta, que tem muito pouco que a recomende, e, nesse pouco, apenas o desempenho de Nancy Carroll, de Fredric March e, principalmente, de Allison Skipworth, na Condessa Martini.

Mas a boa interpretação não consegue salvar o filme, porque o argumento é de todo paupérrimo, uma banalidade sem consistência, que parece escrita sobre o Joelho e dirigida sem qualquer outro objectivo que não fosse o de dar que fazer àquela gente...

O caracter das personagens são traços muito superficialmente, as situações surgem forçadas, de modo que os diversos sentimentos que servem de base ao desenvolvimento do entredo parecem mal justificados; e a direcção não soube

ou não pôde suavisar a falta da autoria e cenarização, de maneira que o filme «O Anjo da Noite» se resume a um «quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu», a um jôgo de escondidas entre o Fredric March e a Nancy Carroll, com o consagrado beijo final, a despeito da Phoebe Foster, que é noiva do Fredric, mas que, de muito bom grado, cede o seu logar à Nancy...

O «Anjo da Noite» deve ser a Nancy Carroll, que passa a vida no cabaré da mamã Condessa. Mas ela é tam mazinha (na fita, é claro!), que não acho bem que lhe chamem «anjo»! Se a Nancy, que é uma l dra, cumplice da mãe, que foge da Maternidade, onde queriam fazer dela uma pessoa de bem, para voltar para o cabaré, que só no fim mostra certos bons sentimentos, é considerada «anjo», então a nossa Sylviázinha, em «Ruas da Cidade», era um «arcanjo»!...

Ele sempre ha cada título!...

Autor: Edmund Goulding. Realizador: O mesmo. Intérpretes: Yula, Nancy Carroll; Rudik, Fredric March; Biezl, Alan Hale; Condessa Martini, Allison Skipworth; Theresa, Phoebe Foster.

Produzida em 1931 pela «Paramount». Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Águia d'Ouro» em 18 Julho 1932.

**O MARIDO DESCONHECIDO** (The Affairs of Annabelle): — Uma desilusão para os admiradores de Jeanette MacDonald, que pensavam ir ouvi-la em algumas belas canções enquadradas em lindo romance de amor, mas vão encontrá-la como figura central duma história sem pés nem cabeça, cheia de convenções... e de conversa!

Aquela de o autor colocar como uma das personagens principais da obra, um milionário (Roland Young), homem de negócios, «lobo da Bolsa», sempre embrigado, permanentemente embrigado (nunca aparece doutra forma, em toda a fita!) não lembra ao Diabo! E tudo assim, cheio de inverosmilhanças, tudo artificial, duma fragilidade de imaginação que toda as raíza na infantilidade.

Victor MacLaglen continua a ser um bom actor, como muito boa continua a ser a Jeanette MacDonald... Também se veem com prazer as silhuetas agradáveis de Sally Blane e Joyce Compton, que se despem muito graciosamente no quarto de Annabella... Roland Young parece-me exagerado na embriaguez interminável a que o forçaram. Sam Hardy, bem, no mordomo.

Em resumo: Um conjunto de bons artistas desperdiçado numa fita que faz sorrir, mas que não dá qualquer honra à «Fox», uma casa a que, por ter um nome bem firmado e ser das primeiras do mundo, não se deve perdoar a produção de fitas como «O Marido Desconhecido».

Autor: Clare Kummer — «Good Gracious Annabelle». Cenarista: Leon Gordon. Realizador: Alfred L. Werker. Intérpretes: Annabelle, Jeanette MacDonald; Rowson, Victor MacLaglen; Wimbledon, Roland Young; O mordomo, Sam Hardy; Mabel, Joyce Compton; Dora, Sally Blane; Archie, Andre de Beranger; Lottie, Ruth Warren.

Produzida em 1931 pela «Fox». Programa Comp. Cinematográfica de Portugal — Secção «Fox». Estreada no «São João» em 18 Julho 1932.

**A VALSA DOS CORAÇÕES** (Zwei Herzen im 3/4 Takt): — Se êste filme viesse na devida altura, ha cerca de 2 anos, seria recebido como um esplendido fonofilme, como o foram, então, outros de menor vaila. Mas, também, nem por ter sido exibido em tal época em Nova-York, se podem ter como merecidas as cincoenta semanas de exhibição continua no «Europa», de Nova-York. E' verdade que o «Europa» é uma sala de 300 logares, mas também é certo que se trata dum filme alemão, exibido durante um ano!...

«A Valsa dos Corações» tem, sobretudo, linda música. A valsa «Zwei Herzen im 3/4 Takt» que dá o título à fita, é encantadora, e um dos motivos, de-certo, do agrado desta cine opereta. Outro possível contribuinte de sucesso é o conjunto de intérpretes, onde vemos a deliciosa Gretl Theimer, o magnífico cómico Oscar Karlweiss, Willy Forst e Walter Jansen.

No entanto, «A Valsa dos Corações» resente-se dos dois anos de produção, e Geza von Bolvary realizou o filme quasi com a preocupação única de salientar a música de Stolz, muito embora, aqui e ali, nos desse alguns quadros de bom fonocinema, bastantes dispersos; no entanto, para que «A Valsa dos Corações» possa receber-se como um filme sonoro de grande valor.

Sem preocupações cinéfilas, vê-se e ouve-se com discutível agrado.

Autores: Franz Schulz e Walter Reisch. Autor musical: Robert Stolz. Realizador: Geza von Bolvary. Intérpretes: Tony Hofer, Walter Janssen; Hedi, Gretl Theimer; Nicky, Oscar Karlweiss; Vicky, Willy Forst; O empregário, Szake Szakall; O secretário, Hart Ettinger.

Produzida em 1929/30 pela «Super Filme G. m. b. H.». Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Trindade» em 19 Julho 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Nesta quinzena fazem anos:

De 16 a 29 de Julho

- |       |                                      |
|-------|--------------------------------------|
| Julho | 16 — Bárbara Stanwick.               |
|       | 17 — John Darrow.                    |
|       | 17 — Sam Wood, realizador.           |
|       | 18 — Richard Dix (37).               |
|       | 18 — Lupe Velez (23).                |
|       | 21 — Ken Maynard (37).               |
|       | 21 — Hoot Gibson (40).               |
|       | 21 — Leonor Ulric.                   |
|       | 22 — Marjorie White.                 |
|       | 22 — Phillips Holmes (23).           |
|       | 23 — Emil Jannings (46).             |
|       | 23 — Aileen Pringle.                 |
|       | 23 — Florence Vidor.                 |
|       | 25 — Johnny Hines (37).              |
|       | 25 — Jack W. Kerrigan (43).          |
|       | 25 — Alice White (25).               |
|       | 25 — Philippe de Lacy (15).          |
|       | 25 — William De Mille, realiz. (54). |
|       | 27 — Lawrence Gray (34).             |
|       | 27 — Nathalie Maorhead.              |
|       | 28 — Joe E. Brown (40).              |
|       | 28 — Blanche Mehaffey (25).          |
|       | 28 — Katherine Dale Owen.            |
|       | 29 — Clara Bow (27).                 |
|       | 29 — Kenneth Harlan (37).            |
|       | 29 — William Powell (40).            |
|       | 29 — Thelma Todd.                    |

C  
I  
N  
E  
M  
A  
14



## A paixão das «estrelas» pelos desportos

(Continuação da página 9)

Mas é sobretudo entre os homens que este desporto recruta o maior número de fiéis amadores. Harold Lloyd, Ricardo Cortez, os dois Fairbanks, Joan Barrymore e Richard Arlen contam-se entre os reis dos links, e Harold Lloyd experimenta uma tal predilecção por este jogo que fez instalar um *golf* comportando nove furos no seu parque.

Em compensação, Frederic March, Ben Lyon, Powell, Ronald Colman, Barthelmess, Clive Brock e Warner Baxter são jogadores de *tennis* impenitentes, embora nem todos eles o joguem bem.

Num clima temperado como o da California, a natação deveria ter todos os habitantes. Não obstante, são sobretudo as mulheres que brilham neste desporto, o mais completo de todos. Bebe Daniels rivaliza com Joan Crawford no «arte difícil» do *crawl*; Loretta Young, Evelyn Brent, Kay Francis, Dorothy Mackaill, Janet Gaynor e Norma Shearer são todas nadadoras de categoria. Dorothy Mackaill, principalmente, é muito audaciosa e disfruta os momentos de maior felicidade quando se encontra dentro de água. Adquiriu mesmo o hábito de resolver os problemas mais difíceis da sua vida quando se entrega às delicias de *l'over armstroke*. E Bebe Daniels assegura que encontra na natação o repouso e o conforto que muitas outras procuram numa *chaise longue*.

O *yachting*, que a bela estação faz voltar, conta numerosos adeptos entre os actores. Charles Farrell, Dick Barthelmess, Neil Hamilton, Dick Arlen, Conrad Nagel e John Barrymore, todos possuem a sua «casquinha de nós», um veleiro ou um iate a vapor. E todos consideram uma honra conhecer os trabalhos de bordo, desde a reparação de uma vela à vistoria de um motor.

O polo tem também os seus partidários, embora menos numerosos. Will Rogers, Bob Montgomery e Jack Holt são veteranos. E recentemente Powell e Douglas Junior teem-se ensaiado neste perigoso desporto. Consta também que Clark Gable vai brevemente engrossar as fileiras destes cavaleiros intrepidos...

E não esqueçamos a aviação. Esta conta também os seus afeiçoados entre a gente do cinema. Reginald Denny, Wallace Beery, Hoot Gibson, Ken Maynard e Harry Bannister são pilotos experimentados. E Bebe Daniels, Sally Eilers e Ann Harding, do lado das mulheres, teem também dado provas de grande mestria voando amiludadas vezes com os seus maridos. A última recruta deste moderníssimo desporto é Mary Pickford, que

manifesta um entusiasmo de neofita, e ainda ha pouco queria voar até junto de seu marido, que estava filmando nos mares do sul uma versão moderna de *Robinson Crusó*.

Quanto à equitação, além dos *cow-boys* profissionais, que montam por necessidade, os bons cavaleiros não são raros, mesmos entre as «vetetas» femininas.

Bebe Daniels, por exemplo, monta «à homem» com um à vontade desconcertante. Joan Bennett é uma amazona muito graciosa e Greta Garbo prima pela temeridade.

Enfim, vê-se que os desportos não são descuidados no reino do cinema.

GENOVA.

# Incontestavelmente o melhor receptor é o

# M E N D E

## Sonora—Radio

### Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

## CINEMA SONORO

Em pleno sucesso:

### “Pamplinas em Bijama”

O maior exito cómico desta época. Magistral interpretação de BUSTER KEATON (Pamplinas)

Terça-feira, 26:

“LUA NOVA”, com LAWRENCE TIBBETT

Sexta-feira, 29: “ANJOS DO INFERNO”, com JEAN HARLOW, BEN LYON e JAMES HALL

PREÇOS POPULARES  
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

## N.º 26

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fautuill, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do “CINEMA,”

Desconto de 40 % no “Trindade” e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quintas, 28/7 e 4/8 e Sábados, 30/7 e 6/8.  
OLYMPIA — Matinéas de Quintas, 28/7 e 4/8 e Sábados, 30/7 e 6/8.  
BATALHA — Matinéas de Quintas, 28/7 e 4/8 e Soirées de Sábados, 30/7 e 6/8. — CINE-ODEON — Soirées de Sábados, 30/7 e 6 de Agosto.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» teem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

C  
I  
N  
E  
M  
A  
15





# CASTELO LOPES, L.<sup>DA</sup>

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos,

que esta semana apresenta no "TRINDADE"

## "A Valsa dos Corações"

Filme-opereta de GEZA VON BOLVARY, música de ROBERT  
STOLZ, com GRETL THEIMER, WALTER JANSSEN, WILLY  
FORST e OSCAR KARLWEISS

vai apresentar brevemente no "AGUIA D'OURO"

## "A Fera Amansada"

Super-produção da "UNITED ARTISTS" com  
MARY PICKFORD e DOUGLAS FAIRBANKS